

Boletim Internacional



Ano VI n° 46 05.12.2006

Solidariedade à Volkswagen na Bélgica

Solidariedade aos trabalhadores da Volkswagen na Bélgica

A Confederação Nacional dos Metalúrgicos (CNM/CUT) e o Comitê Nacional dos Trabalhadores na Volkswagen no Brasil, solidarizam-se com os companheiros belgas que trabalham na planta Forest, em Bruxelas, que estão sofrendo ameaças de demissão por parte da empresa.

Ao todo, são 4 mil trabalhadores da Volks com os empregos ameaçados na Bélgica.

Abaixo, a carta de solidariedade enviada pela CNM e o Comitê Nacional dos Trabalhadores da Volkswagen no Brasil aos companheiros belgas.

Caros Companheiros (as),

Foi com indignação que tomamos conhecimento da ameaça de demissão de cerca de 4.000 de trabalhadores na planta da VW Forest sob alegação da direção da empresa que a planta não seria viável a longo prazo e descontinuará a produção de certos veículos.

Tais alegações são conhecidas também dos trabalhadores na VW do Brasil, cujas plantas também foram consideradas inviáveis pela empresa. Este foi argumento para igualmente ameaçar com demissões 6.000 dos 21.000 trabalhadores brasileiros na VW este ano.

A empresa chegou a efetuar a demissão de mais de 1.000 trabalhadores na planta Anchieta (S.B.Campo - SP) sem negociação. Contra esta postura da empresa, nós desencadeamos um processo de luta e mobilização nas 5 plantas brasileiras que culminou com as conquistas da reversão das demissões e de um acordo para um processo voluntário de desligamentos nas plantas de S.B.Campo e Taubaté.

Nos solidarizamos integralmente com os companheiros belgas e seus Sindicatos e saudamos todos os trabalhadores na VW que participam neste dia 02/12/2006 da manifestação em defesa de seus empregos. Apoiamos todas as propostas e iniciativas da FEM (Federação Européia de Metalúrgicos), bem como do Comitê Mundial e da Rede Sindical Mundial dos Trabalhadores na VW. Nos colocamos a disposição para qualquer ação direta de solidariedade que vocês eventualmente necessitem da nossa parte.

Saudações solidárias,

Carlos Alberto Grana

Presidente da CNM/CUT

Luiz Dias

Comitê Nacional dos Trabalhadores na Volkswagen do Brasil

Wagner Santana

Representante Brasileiro no Comitê Mundial dos Trabalhadores na Volkswagen



Metalúrgicos protestam na Bélgica

Quinze mil pessoas vão às ruas de Bruxelas protestar contra demissões na VW

Ao menos 15 mil pessoas marcharam por Bruxelas no último sábado em protesto às demissões da Volkswagen na Bélgica. Entre cidadãos e membros de sindicatos da Europa, incluindo da Alemanha, foram às ruas com os 5 mil funcionários da empresa gritando 'queremos emprego', em meio a apitaços e outras coisas.



A VW anunciou há duas semanas que acabaria com a produção do Golf em sua planta de Bruxelas, reduzindo a força de trabalho de 5 mil, para apenas 1,5 mil trabalhadores.

Um acordo com o Primeiro Ministro Belga Guy Verhofstadt para produzir um modelo da Audi e tentar salvar 3 mil empregos, causou indignação.

Francis Wurtx, membro francês do parlamento europeu, e líder da esquerda disse que as companhias multinacionais estavam fazendo os trabalhadores europeus lutarem entre si e

aceitarem sempre as piores condições. 'Se concordamos com o que está acontecendo, não haverá uma Europa social de esquerda', ele disse. A Volkswagen passará a produzir o Golf na Alemanha e exige que os belgas produzam o Audi para que não percam os empregos.

A polícia estima que 15 mil pessoas estiveram nos protestos. Já os organizadores dizem que eram 25 mil.

Greve na Volkswagen em Bruxelas deve continuar, diz sindicato

A greve dos trabalhadores da Volkswagen em Bruxelas deve continuar, mesmo depois da oferta da empresa em produzir um novo modelo da Audi na planta, a partir de 2009, disse hoje um membro do sindicato local.

'Não não temos nenhuma informação extra, então eu acho que a greve continua', disse um diretor do sindicato ACLVB, depois de um encontro com o conselho dos trabalhadores.

Entretanto, a VW disse no dia 1 de dezembro, que provavelmente produziria mais de 100 mil modelos A1, da Audi, em 2009, assegurando assim 3 mil vagas, embora nem todas confirmadas na VW. (Reuters, 04-05.12.2006)

Volkswagen mostra a urgente mudança das leis trabalhistas na UE

A Confederação Européia de Sindicatos (ETUC) aplaudiu ao fato da Comissão Européia ter evitado algumas pressões empresariais na adoção de seu 'Green Paper' sobre "a modernização da lei trabalhista".

A derrocada da fábrica da Volkswagen em Bruxelas mostrou que as proteções oferecidas aos trabalhadores são inadequadas. Nos anos recentes, em muitos países da Comunidade, foram realizadas reformas das leis trabalhistas que, num quadro da agenda de competitividade, promoveram mercados de trabalho enfraquecidos ao invés de aumentar a influência sobre as decisões da empresa quanto à segurança no emprego.

Um crescente número de trabalhadores - geralmente os mais vulneráveis como mulheres, jovens trabalhadores e migrantes, estão trabalhando sob condições permanentes de precariedade.

Mas também os chamados "trabalhadores padrão" estão sob pressão de mudanças nos métodos de produção, da subcontratação e terceirização, recolocação e controle da empresa pelo capital volátil.

A CES acredita que no plano da UE, todo controlador financeiro relevante deve se engajar num debate urgente sobre como adequar a lei trabalhista e a política social para se adaptar ao moderno mundo do trabalho enquanto prove condições de trabalho justas e decentes e padrões trabalhistas para todos os trabalhadores no território da UE, protegendo os trabalhadores da forte exposição aos caprichos do mercado.

O 'Green Paper' contempla apenas parte das questões que devem ser encaradas e a CES fará propostas, no período de consultas que ora se abre, sobre o tempo de trabalho, recrutamento de trabalho temporário, consulta e informação aos Conselhos de trabalhadores Europeus e reestruturação.

Encontro do Setor Naval, no Uruguai

Entre os dias 20 e 22 de novembro, reuniram-se em Montevideo (Uruguai), representantes dos trabalhadores do setor naval do Mercosul e Espanha, para discutir em seminário como está a realidade de cada país e quais as propostas para o futuro não só do setor naval, mas da marinha mercante nestes países.

Organizado pelo **Laboratório Industrial Sindical Mercosul-União Européia**, uma união da CNM/CUT (Brasil), Constramet (Chile), Untmra (Uruguay), Fetia-Cta (Argentina) e Comisiones Obreras (Espanha), o seminário teve a participação de 40 companheiros sindicalistas de todos os países envolvidos no projeto.



Durante o seminário, foram passadas as diretrizes do que será o futuro do setor naval, já que por conta do bom momento na indústria, há previsões de que o setor crescerá e ampliará muito mais nos próximos 10 anos. Na Ásia, por exemplo, não há mais capacidade para entregas em curto prazo devido à alta demanda nos pedidos. As empresas que comprarem hoje recebem uma promessa de entrega em um prazo de 5 a 8 anos.

A idéia é que partindo deste princípio, o Brasil e todos os outros países do Mercosul, além da Espanha, realizem ações efetivas para entrar neste mercado em expansão. Mas não apenas viabilizando estaleiros, mas sim, discutindo políticas industriais para a produção e desenvolvimento de navios de alta tecnologia, para concorrer com o que há de melhor no mercado mundial de forma competitiva. Em meio a isso, também foram discutidas políticas de desenvolvimento para a marinha mercante destes países.

Exemplos para isso não faltam: no Brasil, apenas 14% da frota de marinha mercante é própria. Em outros países do Mercosul, este número é ainda menor. A garantia mais navios dos próprios países diminuirá razoavelmente as perdas cambiais da cobrança de frete. Os navios de pesca nestes países estão sucateados, bem como aqueles que fazem a navegação interior. Há casos de navios com bandeiras asiáticas, que ficam ancorados na costa dos países do Mercosul apenas aguardando autorizações para realizar a pesca comercial e levar os produtos aos seus países de origem. Prejudicando a economia deste setor no cone sul.

Um dos grandes problemas, segundo os sindicalistas, é a mentalidade dos empresários que não investem no Mercosul pois fazem comparações de viabilidade com os chamados tigres asiáticos. Mas nestes países da Ásia, não há nenhum tipo de respeito aos direitos trabalhistas. Logo, seria inviável qualquer tipo de comparação.

'A união dos trabalhadores do Mercosul pode garantir mais empregos no setor naval e na marinha mercante, assim como garantir cada vez mais os direitos trabalhistas no nosso ramo de atuação', disse o Coordenador do Setor Naval da CNM, Edson Carlos Rocha da Silva, que foi um dos representantes do Brasil que participaram das atividades em Montevideo. (Valter Bittencourt - Assessoria de Imprensa) (CNM/CUT, 22.11.2006)

Contra os abusos da Gerdau no Peru

Solidariedade: CNM é contra os abusos a funcionários da Gerdau no Peru

A Confederação Nacional dos Metalúrgicos (CNM/CUT), solidariza-se com os companheiros peruanos que estão sofrendo abusos na SIDER PERU, empresa do grupo Gerdau, que não respeita as leis trabalhistas e, agora, obriga dois funcionários a trabalharem em outras áreas da empresa, mesmo depois de sofrerem um grave acidente de trabalho.

Todos os sindicatos que representam os trabalhadores metalúrgicos da Gerdau no Brasil enviarão cartas de repúdio às práticas anti-sindicais que a planta peruana da empresa vêm cometendo.

Abaixo, está a carta que a FITIM (Federação Internacional dos Trabalhadores da Indústria Metalúrgica) enviou a administração da Gerdau no Peru.

Ao Senhor:

Arturo Torres Calderón Zárate

Gerente Geral da Empresa Siderúrgica do Perú S.A.

A Federação Internacional dos Trabalhadores das Indústrias Metalúrgicas, FITIM, se dirige a administração da Gerdau em repúdio às ações anti-sindicais que estão ocorrendo na empresa.

A FITIM é uma Associação Mundial de Sindicatos que conta atualmente com mais de 25 milhões de membros, em mais de 100 países dos ramos da indústria mineira, siderúrgica, metalúrgica, metal mecânica, automotiva, construção naval, aeroespacial e eletro-eletrônica. E um de seus objetivos fundamentais é a unidade entre os sindicatos, e a luta pela defesa dos direitos sindicais em todo o mundo.

Nesta oportunidade e através desta carta, rechaçamos as ações da empresa transnacional que opera no Peru, já que não tem sido respeitada as necessidades dos trabalhadores que trabalham nela.

Estas ações, são violações contra as normas técnicas do Seguro Complementar de Risco de Trabalho; contra o regulamento de Saúde e Segurança no Trabalho; e contra o Plano Nacional de Direitos Humanos.

Deste modo, rechaçamos qualquer medida que prejudique a saúde e a segurança dos trabalhadores, por isso repudiamos que os trabalhadores Victor Morillo e Benjamim Villanueva sigam trabalhando logo após sofrer um acidente na planta da SIDER PERU.

Sabemos que a empresa elimina os descansos médicos para que o trabalhador continue trabalhando em outras áreas menos perigosas, até a sua recuperação. E isso é considerado uma ilegalidade e um abuso de poder.

Por toda essa situação é que nos dirigimos a administração da Gerdau, em relação a este conflito que vivem os trabalhadores peruanos da indústria de siderurgia, e exigimos que a empresa respeite os direitos trabalhistas.

A saúde e a segurança no trabalho é vital para o trabalhador, por isso a FITIM enfatiza que todas as empresas do mundo se capacitem e supervisionem constantemente, já que ações como as que estão acontecendo na Gerdau são consideradas como uma injustiça e atropelo que fazem contra os direitos trabalhistas, sindicais e humanos.

Solicitamos à multinacional, a reverter a situação que vivem os trabalhadores, respeitando os acordos e outorgando uma melhor qualidade de trabalho. Também solicitamos que dêem garantias efetivas para o progresso do sindicalismo dentro da empresa. Respeitando a negociação coletiva, os direitos a greve e a afiliação dos trabalhadores.

Como Federação Mundial Metalúrgica, temos outorgado todo o apoio e solidariedade que precisem e solicitem os companheiros peruanos, em especial ao sindicato SIDERPERU, assim como temos feito em várias partes do mundo onde há violações aos direitos trabalhistas.

Esperamos obter uma resposta satisfatória a nossas petições. Confiamos em que se ocupem da problemática e encontrem, junto com os sindicalistas peruanos, uma justa solução para este caso. Faremos circular esta nota a todos os Sindicatos da Empresa GERDAU dos nove países onde ela se encontra estabelecida, assim como a matriz em Porto Alegre, Brasil.

Atenciosamente,

Jorge Campos Miranda

Representante Regional da FITIM na América Latina e Caribe

Unificação do sindicalismo mundial

Um passo importante na unificação do sindicalismo mundial

João Felício é secretário de Relações Internacionais da CUT

No passado 3 de novembro em Viena, Áustria, finalizou o Congresso de fundação da Confederação Sindical Internacional, resultante da fusão de duas centrais mundiais, a CIOSL (Confederação Internacional de Organizações Sindicais Livres) e a CMT (Confederação Mundial do Trabalho). A CSI nasceu representando 168 milhões de trabalhadores e trabalhadoras afiliados a 306 organizações de 154 países e territórios. A CSI também surge como parte da Agrupação Global Unions que articula o conjunto das Federações Sindicais Internacionais por ramo hoje existentes.



É importante salientar que no processo de construção da CSI, a CUT defendeu que a nova organização estivesse aberta também à incorporação das centrais sindicais nacionais que não fossem filiadas às duas mundiais que estavam se fusionando. E essa perspectiva vai se concretizar com a filiação de centrais como a CTA (Central de Trabalhadores Argentinos), da CUT (Central Única dos Trabalhadores) Colômbia, da CGT (Confederação Geral do Trabalho) da França e da CGTP-IN (Confederação Geral dos Trabalhadores Portugueses – Intersindical), organizações que têm atuado ao longo dos últimos anos no plano internacional em estreita parceria com a CUT Brasil.

A fundação da CSI foi um momento histórico para o movimento dos trabalhadores, já que se trata de um importante passo para superar a tradição do sindicalismo dividido por opções político-ideológicas que vigorou sob impulso da “Guerra Fria”. Nesse período muitas organizações sindicais tenderam a um alinhamento de acordo com as alianças estabelecidas pelos estados em conflito, perdendo-se a perspectiva de um sindicalismo unitário, o que se refletiu nas divisões no sindicalismo internacional.

Com o fim da “Guerra Fria” e sob o intenso ataque sofrido pelo sindicalismo no mundo todo a mãos do projeto neoliberal, a CIOSL sinalizou uma maior abertura para um sindicalismo unitário, o que levou a que organizações como a CUT Brasil, a KCTU da Coréia, a COSATU de África do Sul e Comisiones Obreras de Espanha decidissem por sua filiação a essa central mundial. A CSI representa, agora, a continuidade e o aprofundamento desse curso.

A CUT valoriza essa conquista dos trabalhadores do mundo todo, mas entende que devemos fazer esforços por avançar ainda mais. Em primeiro lugar, a CSI é um processo de unificação ainda incompleto. Existem diversas outras centrais nacionais cuja presença na nova Confederação seria de grande importância. Em segundo lugar, termos uma organização internacional unitária não significa automaticamente que todos os setores estejam corretamente representados na política por ela desenvolvida. Temos afirmado e continuaremos pressionando para que o sindicalismo internacional assuma mais fortemente os pontos de vista das centrais sindicais do Sul do mundo; somente assim será possível discutir uma verdadeira aliança entre trabalhadores do primeiro e do terceiro mundo. Terceiro, para fortalecer a CSI temos que retomar a perspectiva de um sindicalismo construído nas campanhas internacionais, para além do trabalho de lobby junto aos organismos multilaterais.

Para a CUT, as estruturas do sindicalismo internacional devem estar a serviço das lutas gerais dos trabalhadores e trabalhadoras do mundo todo. Frente à ofensiva das corporações multinacionais contra os direitos sociais e trabalhistas nos mais diversos países, é necessário articular lutas de resistência em escala internacional. Também avançar em direitos fundamentais, como uma nova redução da jornada de trabalho – como a conquistada cem anos atrás com as 8 horas diárias – só será possível se nossa organização internacional assumir essa campanha como prioridade política. Em fim, a luta para deter a globalização neoliberal e substituí-la por uma nova ordem mundial baseada nos direitos dos povos e dos trabalhadores é uma tarefa que precisa de uma organização internacional dos trabalhadores.

A política da CUT em favor da unificação mundial dos trabalhadores para fortalecer as lutas e campanhas internacionais e nacionais não terminou no dia 3 de novembro. Mas lá foi criado um terreno propício para continuar essa construção. (Agencia CUT, 17.11.2006)

CNM Internacional é o boletim informativo da Confederação Nacional dos Metalúrgicos – CNM-CUT

Secretário Geral da CNM : Fernando Lopes

internacional@cnmcut.org <http://www.cnmcut.org.br>